

### REAFIRMANDO A AUTONOMIA DOCENTE

Vários pesquisadores têm produzido trabalhos em que identificam a intensificação dos mecanismos de controle sobre o trabalho docente. Infelizmente, os resultados dessas pesquisas só expressam aquilo que cotidianamente estamos experimentando em nossas escolas, e que põem em questão a possibilidade de pensar em autonomia docente.

Ao mesmo tempo em que somos bombardeados por um discurso que enaltece a singularidade de cada unidade escolar e afirma a necessidade de respeitar as subjetividades dos(as) alunos(as), somos pressionados a apresentar resultados com base em critérios nem sempre transparentes ou exequíveis. Cada vez mais escutamos falar de produtividade na escola. Em algumas redes de ensino essa "produtividade" já determina a remuneração dos profissionais e já se pensa que ela possa definir a estabilidade no emprego. Tudo em nome da qualidade do ensino.

Muitas vezes nos sentimos impotentes diante de tantas atribuições e acabamos assumindo uma culpa que não temos e aí resolvemos simplesmente acatar cada nova orientação sem questionar os seus propósitos. Ou então, simplesmente as ignoramos e seguimos em frente desenvolvendo nossas estratégias de sobrevivência.

Não tenho a pretensão de determinar qual dessas posições, ou uma outra qualquer, seria a mais acertada, pois acredito que seria infrutífero. Prefiro propor uma outra reflexão: Porque que, apesar de tantos mecanismos de controle, ainda é possível resistir? Porque, dificilmente, damos conta de seguir todas as determinações à risca?

Autores(as) como Lopes (2005), Macedo (2006) e Tura (2009), dentre outros(as) têm contribuído para que possamos pensar as políticas educacionais, em especial as políticas curriculares, em uma dinâmica que procura romper com uma concepção verticalizada das mesmas. São estudos que buscam pensar as políticas e os discursos educacionais como

tentativas de fechamento de determinados significados considerados os únicos possíveis, mas que para alcançarem alguma legitimidade acabam apresentando ambigüidades o que faz com que se constituam em textos abertos a leituras diferenciadas.

Como exemplo, podemos tomar a qualidade de ensino. Acredito que todos concordamos com ela. E vou além, poucas pessoas convivem mais com o dilema de pensar a qualidade do ensino do que o/a professor(a) na convivência com seus(as) alunos(as). No entanto, quando pensamos em qualidade estamos nos referindo a mesma coisa? Provavelmente não, mas isso não invalida o fato que ansiamos por ela e procuramos, dentro das condições objetivas em que trabalhamos, efetuar um trabalho de qualidade, que nunca é, e nunca será o mesmo trabalho.

Exatamente por isso é que estamos submetidos a tantos instrumentos de controle. São tentativas de limitar nossa possibilidade de compreender uma orientação de outra forma. Assim, tentam traduzir qualidade como a obtenção de bons resultados em exames gerais (SAEB(1) , PROVA BRASIL, PISA(2) , etc.).

Provas, livros didáticos, gratificações por desempenho, etc. são tentativas de fechamento de determinados significados. Contudo, isso continuará sendo impossível, precisamente porque cada escola é um lugar singular, que reúne pessoas (alunos(as) e professores(as)) com experiências singulares que estão, a cada encontro, negociando sentidos e produzindo algo novo que não pode ser previsto *a priori*, e nem reproduzido exatamente da mesma forma.

Penso que é importante pensar nesta perspectiva porque ela pode nos libertar de posturas imobilizadoras pela afirmação da autonomia docente e, dessa forma, revitalizar a ideia de que a escola é uma instituição pela qual vale a pena lutar.

.....

Sobre o (a) autor (a):

√ Talita Vidal Pereira: Doutoranda PROPEd-UERJ, Bolsista FAPERJ, Professora Licenciada da Rede Estadual de Ensino/RJ.

### **Referências bibliográficas (ou textuais):**

- (1)SAEB- Sistema de Avaliação da Educação Básica
- (2)PISA- Programa Internacional de Avaliação de Alunos
- LOPES, Alice Casimiro R. Políticas de currículo: tensões entre recontextualização e hibridismo. *Currículo sem fronteiras*, v. 5, n. 2, p. 50-64, jul./dez. 2005.
- MACEDO, Elizabeth F. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, p. 285-296, maio/ago. 2006.
- TURA, Maria de Lourdes Rangel. A recontextualização por hibridismo na prática. *Currículo sem Fronteiras*, v. 9, n. 2, p.133-148, jul/dez. 2009